

Registros avaliativos no cotidiano da educação infantil: estudos sobre o contexto de produção

Evaluative records in the daily routine of early childhood education: studies on the context of production

Cassia Ferri
Daniela Gonçalves Adriano
Universidade Regional de Blumenau – FURB
Blumenau – Brasil

Resumo

Este artigo analisa o contexto de produção dos registros de práticas docentes necessários às avaliações descritivas na Educação Infantil. Fundamenta-se em Hoffmann (2015), Luckesi (2011), Zabalza (1998), Ostetto (2008), entre outros que discutem a avaliação da aprendizagem e o registro da prática. Metodologicamente, o estudo foi desenvolvido em campo com dois percursos quanto aos instrumentos de geração de dados, sendo: entrevista semiestruturada e questionário on-line. A análise evidencia que as docentes revelam discurso compatível com aspectos presentes na concepção de avaliação, e compreendem a importância do uso de várias formas de registro. Porém, ao observar relatos de sua prática, percebeu-se desalinhamento entre teoria-prática quanto as práticas de registro e avaliação descritiva, revelando a falta de formação continuada que tenha o contexto escolar como referência.

Palavras-chave: Educação Infantil; Práticas Avaliativas; Registro.

Abstract

This article analyzes the context of production of the records of teaching practices necessary for descriptive assessments in Early Childhood Education. It is based on Hoffmann (2015), Luckesi (2011), Zabalza (1998), Ostetto (2008), among others who discuss the assessment of learning and the recording of practice. Methodologically, the study was developed in the field with two paths as to the instruments of data generation, being: semi-structured interview and online questionnaire. The analysis shows that teachers reveal discourse compatible with aspects present in the concept of evaluation, and understand the importance of using various forms of registration. However, when observing reports of their practice, there was a mismatch between theory and practice regarding the practices of registration and descriptive evaluation, revealing the lack of continuing education that has the school context as a reference.

Keywords: Early Childhood Education; Evaluative Practices; Register.

Introdução

Este artigo traz reflexões acerca da temática da avaliação na educação infantil, tendo como foco o contexto de produção dos registros de práticas que resultam nas avaliações descritivas, principal documento pedagógico utilizado na educação infantil por professores da rede pública municipal de ensino na cidade de Itajaí/SC e é parte dos resultados obtidos em uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um curso de mestrado em educação. Procurou responder à seguinte questão: De que maneiras professores de educação infantil da rede pública de ensino concebem os registros das práticas necessários às avaliações descritivas? Teve como objetivo geral analisar o contexto de produção dos registros de práticas docente necessários às avaliações descritivas na Educação Infantil. Como procedimento metodológico, foi realizado estudo de campo (MARCONI; LAKATOS, 2003), tendo como instrumentos de geração de dados a entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987), realizada com duas professoras e o questionário on-line (SEVERINO, 2013) que contou com a participação de 60 (sessenta) docentes colaboradoras.

Na ocasião, as entrevistas foram mediadas por roteiro com questões semiestruturadas, permitindo que as professoras narrassem sobre aspectos de suas práticas pedagógicas, construindo informações fundamentais para compreender e identificar suas concepções sobre o processo de avaliar as crianças na educação infantil. Da mesma forma, o questionário on-line foi formulado com questões articuladas para conduzir as educadoras a refletirem e responderem sobre sua rotina pedagógica, sobretudo das práticas avaliativas, gerando dados essenciais para compreender as concepções avaliativas em diferentes contextos.

Assim, o propósito foi identificar os caminhos das professoras, suas concepções e compreensões das práticas de registro como documentação que revelam a construção da avaliação da aprendizagem. É bom destacar que, neste estudo, a avaliação da aprendizagem representa “um procedimento que sustenta a ação educativa (o ensino) no diálogo com os processos de aprendizagens da criança” (RINALDI, 2012, p. 109), ou seja, não se dá numa ação neutra que reproduz a realidade, mas um ato que revela a ação, propósito e compreensão.

Avaliação na Educação Infantil: potenciais para o desenvolvimento integral da criança.

Durante muito tempo, quando nos referíamos à avaliação, era comum ter como ponto central uma perspectiva de aprendizagem baseada em resultados, classificando o/a aluno/a com base no seu desempenho, no que já sabe fazer, ou não, representado por conceitos/valores. Romper com o papel classificatório da avaliação, em qualquer modalidade de ensino, é perceber progressos no componente pedagógico, especialmente na educação infantil, que requer uma avaliação com função de registrar para acompanhar e refletir a trajetória do desenvolvimento da criança.

É bom destacar que a trajetória da avaliação da aprendizagem é recente, sendo apresentada e compreendida, primeiramente, em 1930, pelo educador americano Ralph Winfred Tyler, estudioso de grande importância para a área da educação, principalmente no que se refere à avaliação e desenvolvimento do currículo escolar. Com Tyler, a avaliação ganha novos rumos e contempla uma descrição da aprendizagem que a criança atingiu, ou seja, quantificar passou a ser um mecanismo a serviço da avaliação ao invés de um fim em si mesmo.

No território brasileiro, a avaliação da aprendizagem ganhou espaço nos debates educacionais no final de 1960, início de 1970, ou seja, nesses últimos anos, muitos estudos têm relevado o quão importante é a avaliação como instrumento essencial para o contexto educativo. Dentre os autores que se dedicam a pesquisar e estudar tal temática, destaca-se Cipriano Luckesi, que nos alerta sobre a importância de “aprender a avaliar”. Na perspectiva de Luckesi (2011, p. 30):

[...] aprender a avaliar é aprender conceitos teóricos sobre avaliação, mas concomitantemente a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática.

Neste sentido, compreender a função da avaliação reflete diretamente nas ações cotidianas do docente. Independentemente de os profissionais terem estudados teórica ou didaticamente o processo de avaliação da aprendizagem, todos vão precisar lidar com este componente do ato pedagógico. Segundo Luckesi (2011), o ato de avaliar a aprendizagem, na escola, é um meio de tornar a ação de ensinar e aprender produtiva e satisfatória. Sendo

assim, não se desvincula a avaliação da criança e do processo de ensino do professor. É importante destacar que isso não implica nos modos de a criança aprender ou de o professor ensinar. A relação que se estabelece durante o processo de ensino e aprendizagem é muito mais complexa do que isso. Segundo Campos (2017), a avaliação, como um instrumento que está a serviço da aprendizagem do aluno, contribui para a análise e para a decisão de quais ações pedagógicas deverão ser tomadas durante o processo.

Desta maneira, é importante ter como foco o processo avaliativo, pois é uma ação cotidiana que pode ser interpretada como um ato burocrático (técnico) ou intencional (instrumento da prática de ensino), esta interpretação poderá influenciar no processo, pois tem relação com a competência do educador e a maneira como ele concebe a avaliação como documento pedagógico. Outro fator que pode ter influência é o contexto em que este profissional está inserido, ou seja, os espaços, a estrutura que lhe são oferecidos para desempenho do seu trabalho.

Neste sentido, Zabalza (2006), destaca que, a avaliação é importante em qualquer etapa educativa, pois se trata de um componente particularmente sensível de qualquer proposta curricular e exige uma competência especial dos profissionais da educação. Essa competência caminha nos campos da teoria e prática, pois, de certa forma, pode-se encontrar docentes que participam de formações, tendo contato com a teoria, porém seu conhecimento quanto a avaliação como instrumento e documento pedagógico pode ser superficial. Por conta disso, o cumprimento da elaboração de documentar ou registrar com foco avaliativo poderá ser interpretado como um ato burocrático, exigido por um órgão maior, e não como uma ação que produz memória sobre as vivências pedagógicas.

Por outro lado, o processo avaliativo poderá ser favorecido e interpretado com intencionalidade, ou seja, como um instrumento da prática de ensino, quando o docente se apropria dos conhecimentos que lhe cabe/compete e reconhece a natureza multifacetada deste fenômeno, considerando o processo, valorizando circunstâncias pontuais, percebendo, na avaliação, um instrumento para aprendizagem de ambos os sujeitos (professor/criança), construindo conhecimentos num processo de constantes acontecimentos, de conquistas, conflitos, desafios, superação, de aprendizagens do planejado e, até mesmo, do que não foi planejado.

Para Hoffmann (2006, p.144), transformar a prática avaliativa implica muito mais do que apenas exigências burocráticas ou formações continuadas e expõe:

Tenho repetido que não acredito em transformação na prática avaliativa impostas via decretos ou mudanças de regimentos. O inverso, sim, vê acontecer em escolas e municípios. Mudanças regimentais reivindicadas pelos professores que assumem posturas avaliativas diferenciadas a partir de grupos de estudo após muito tempo de discussão. Porque novas práticas revelam, mais do que ditames legais, novas posturas assumidas (HOFFMANN, 2006, p. 144).

A autora salienta que a avaliação deve ser mediadora e de intervenção pedagógica, em que se constroem caminhos para proporcionar melhores oportunidades/estratégias de aprendizagem, para a autora, não há sentido realizar uma avaliação para dizer se a criança fez ou não fez determinada atividade, se ele/ela é ou não é capaz. Avalia-se para promover a criança moral e intelectualmente. De acordo com essa concepção, constata-se que a avaliação é um processo contínuo, que se movimenta entre coletar, analisar e interpretar as informações reunidas, motivando o educador a pensar sobre um conjunto de dados que lhe dará suporte para construir novos caminhos de aprendizagem. Para Haydt (2008), esses caminhos não devem ser construídos apenas pelos docentes, sendo relevante entender que esse conjunto de informações e que a construção de novos caminhos poderá ocorrer em vários níveis do processo de ensino e aprendizagem, do currículo ao funcionamento da escola, como um todo. Em outras palavras, a avaliação pode ser realizada por todos os envolvidos na instituição de ensino.

Assim sendo, destaca-se a importância da avaliação quanto a funcionalidade de unir todos os membros da escola e, subsidiar o docente quanto a evoluções e/ou dificuldades que fazem parte do processo, ademais oportunizar ação-reflexão, reorientando e movimentando o trabalho pedagógico. Além disso, neste movimento torna a criança parte ativa do processo de aprendizagem e interação com o espaço e seu entorno. Nesse contexto, a avaliação e seu percurso poderão contribuir com a formação e a definição da identidade da criança, por meio da aprendizagem e da construção de seus valores.

É importante frisar que se compreende avaliação como um conjunto de ações didáticas que se aplica em diferentes espaços educativos, objetivando acompanhar o percurso da criança, com seu modo de ser e estar, para potencializar o seu desenvolvimento integral. Contudo, compreende-se, também, que o professor tem parte significativa neste percurso, mas não é o único responsável pelo desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças, visto que a criança faz parte de um coletivo que influencia indiretamente experiências proporcionadas a elas, sobretudo na educação infantil.

Avaliar é tencionar seu olhar, assistir a criança em seu movimento natural de conhecer e explorar o mundo ao seu redor, movida pela curiosidade genuína. Por isso, observar e acompanhar a criança na educação infantil torna-se fundamental para que o educador compreenda como ela constrói os processos de aprendizagem. Da mesma forma, destaca-se quão fundamental é o papel do professor como mediador no momento de acompanhar a ação discente. Neste cenário, cabe ao educador refletir sobre o que é relevante observar e quais instrumentos contribuem com esta prática.

Assim, ao registrar, as ações pedagógicas, tem-se a possibilidade de revisitar a prática experimentada, bem como os contextos de ensino e aprendizagem e, a partir desta observação, criar novos contextos, permitindo que a criança vivencie diferentes possibilidades e teça novas aprendizagens, seja de maneira individual ou coletiva.

O registro como documentação: instrumentos pedagógicos da avaliação da aprendizagem.

A arte de escrever/registrar um ato, uma fala, uma ação, ou até mesmo o inexpressivo, tem a capacidade de perpetuar o momento, produzindo memória, documentando a construção de histórias.

Na Educação Infantil, o exercício de registrar a rotina vem ganhando reconhecimento de maneira mais intensa nos últimos anos em um cenário de mudança de paradigma em relação à concepção da prática pedagógica. Este reconhecimento é fruto de novos objetivos e debates atribuídos as instituições de ensino vivenciado nas últimas décadas. São possibilidades que apontam para novas práticas de registro e, com isso reconhece a criança em sua especificidade, no seu modo de se organizar e se desenvolver no contexto em que está inserida e nas relações cotidianas consigo e com o outro, por meio de suas múltiplas linguagens, identificando e respeitando seus saberes e fazeres.

Para que estas relações e novas práticas sejam fecundas, a avaliação realizada na educação infantil requer compreensões e clareza por parte do docente acerca do currículo infantil (o que avaliar), da criança (quem avaliar) e dos instrumentos de registros (como avaliar). O acompanhamento da criança, no cotidiano é importante, pois permite analisar qualitativamente o processo que cada uma utiliza para chegar a alcançar certas respostas ou desenvolver determinadas atitudes. Para Zabalza (2006), é necessário incorporar a cultura de avaliação ao trabalho docente, conhecer os tipos de avaliação e os campos a serem avaliados diante de um olhar multifacetado.

A cultura de avaliação a qual o autor se refere perpassa o ato de registrar/documentar o que se desempenha no cotidiano escolar, como, por exemplo, durante a roda de conversa com as crianças (diálogo), na promoção de atividades que desenvolvam a capacidade de aprendizagem (planejamento). Por outro lado, não se trata de uma simples anotação, nem de deixar de anotar/registrar por acreditar que já conhece as crianças em sua forma de agir e pensar. Esse conhecer é importante, mas não suficiente. Segundo Hoffmann (2015, p. 65):

[...] o registro da história da criança, no processo avaliativo, não pode significar apenas memória como função bancária, em outras palavras, há que se pensar no significado desse registro para além da coleta de dados ou da simples informação.)

Neste sentido, o que se deseja, quando se avalia e se registra é como um “iluminar” (ZABALZA, 2006, p. 150), em outras palavras, compreender como ocorre o desenvolvimento infantil em função de garantir o “desenvolvimento integral” (BRASIL, 1996, s.p.) da criança.

Talvez este seja o maior desafio do professor e, ao optar pelo uso da palavra ‘desafio’, refiro-me ao ato de ‘investigar’ algum elemento, para fazer além de suas capacidades, ou seja, olhar fora do escopo de suas atribuições pedagógicas, do trivial. A este olhar atento do docente, Machado (1991) destaca a necessidade de estar de fato comprometido com a prática educacional, com os conhecimentos inerentes da aprendizagem infantil e acrescenta que:

[...] o educador ideal deve possuir algumas características básicas: ser observador, ter olhos, ouvidos, sensibilidade para perceber as necessidades da criança, do grupo. Deve ser um pensador, pois a reflexão precede e acompanha a atuação propriamente dita. Consequentemente, será também uma figura atuante, envolvendo-se nessa relação e estará atento ao mundo ao seu redor, aberto a questionamento, estudando, reciclando-se e buscando no processo de auto-conhecimento [sic] aspectos pessoais de desenvolvimento e reeducação (MACHADO, 1991, p. 48).

No que tange à avaliação da aprendizagem, esse olhar atento não deve ser diferente. Os educadores têm o desafio de identificar situações ou obstáculos apontados pelas crianças com o intuito de indicar propostas que contribuam para a melhoria ou progresso do resultado dependendo da situação identificada pelo avaliador, uma vez que o ato de avaliar seja pautado no processo contínuo e não apenas no resultado final.

Por conta disso, percebe-se o quão importante é o registro como instrumento pedagógico que auxilia o trabalho docente. Portanto, para definir de que tipo de registro se

está tratando aqui, destaca-se que falo do registro pedagógico realizado pelos sujeitos que compõe o cenário educativo, que se configura como instrumento de narrativa da prática docente que propicia a reflexão.

De maneira mais ampla, o registro do desenvolvimento da criança pode assumir diferentes formas. Elaborado pelo docente, sendo escrito a mão num caderno, fichas, bloco de notas, diário, enfim, um local adequado onde o professor preferir, contudo que seja uma ferramenta prática de trabalho feita para si mesmo e revise sempre que julgar necessário recordar os percursos de aprendizagem das crianças ou, até mesmo, para se auto avaliar.

Outra forma de produzir registro é com a participação da própria criança, seja mediante sua fala, sua produção, sua interação ou conflito observado no percurso escolar. No entanto, para isto, é viável que o docente administre o seu tempo, pois, se está interagindo com o grupo, não pode permanecer o tempo todo fazendo anotações. Assim, alguns momentos exigem outros tipos de registros, podendo ser imagéticos, fílmicos, sonoros, ou seja, são diversas as formas que compõem o processo de documentar-narrar os processos vivenciados, tudo isso vai depender do propósito do educador.

Cada um desses recursos tem características específicas e podem ser usados em benefício do trabalho pedagógico. Os registros escritos dos acontecimentos, indicam elementos que chamaram a atenção em determinado momento da aprendizagem. Com as fotos/imagéticos é possível investigar a criança em ocasiões de experimentações ou ainda nas produções artísticas e os sonoros/áudios de gravações recuperam as intervenções feitas e o efeito delas no processo de ensinar e aprender. Quanto aos fílmicos/vídeos, auxiliam o adulto na observação da própria atuação com as crianças tanto no coletivo quando individualmente, percebendo que lá estão meninos e meninas em busca de um tempo e espaço para viverem a infância (OSTETTO, 2008).

Em relação ao registro escrito elaborado pelo professor, Weffort (1996, p. 45) reconhece que “escrever, registrar e refletir, não é fácil”, pois requer disciplina e compreensão quanto a escrita – o que observou e como interpretou, a narrativa – fala espontânea da criança e o seu processo evolutivo quanto à organização e articulação do pensamento.

Ainda, em relação às dificuldades encontradas para a elaboração dos registros escritos, Warschauer (2001, p. 64) conceitua duas possibilidades, sendo: “é provável que o fato de haver raras oportunidades em que o adulto exercite a escrita como linguagem solta

e sua”, de modo que expresse “seus próprios pensamentos e sentimentos de libertar seus sonhos e expressar seus projetos”. Ademais, segundo a autora (2001, p. 64), outra interpretação “está no fato de que escrever comprometi muito mais do que falar ou pensar”, expondo o docente a críticas, pois não há neutralidade no ato de registrar.

Para além dos registros produzidos pelo educador, retoma-se a questão dos registros realizados a partir das expressões e interações das crianças, por meio de recursos (fotos, vídeos, áudios) considerados instrumentos facilitadores que adensam para uma documentação mais complexa e holística.

Desde muito pequena, ainda que não seja de forma oral, a criança se comunica utilizando o corpo, gestos, movimentos e diferentes linguagens a fim de que sua comunicação aconteça. Outra forma de se comunicar é mediante suas produções (desenhos, pinturas, dobraduras, jogos, brincadeiras, tentativas de escritas...). Com isso, percebe-se a importância de valorizar e criar espaços de escuta das crianças no contexto educativo em que está inserida. Quanto a este contexto, Weffort (1996, p. 42) considera que “a criança tem seu espaço de registro, reflexão, concretização de seu pensamento, no desenho, no jogo, e na construção de sua escrita”. Em outras palavras, não nos convém olhar à criança como um ser vazio, abstrato, mas sim, valorizar suas interlocuções, aprendendo a escutá-la em sua subjetividade. Segundo Rinaldi (2012), por trás do ato de escuta existe, normalmente, uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre alguma emoção.

Além disso, usar a documentação nas rodas de conversas é promover à criança um leque de oportunidades, entre elas: desenvolver a capacidade crítica, a criatividade, o respeito pelo outro, enfim, cria-se momentos de escuta e torna-se um instrumento de investigação docente. Ou seja, os registros realizados tanto pelo docente quanto pela criança “unem-se na construção de memória, de história, de aprendizagem” (LOPES, 2005, p. 62), possibilitando ao educador a construção de avaliação alicerçada em experiências vividas.

Neste ponto, percebe-se quanto o contexto de produção dos registros de práticas docentes podem influenciar e potencializar a construção da avaliação, pois se percebe que a avaliação de contexto se configura como uma ação comprometida com o acompanhamento de todas as dimensões que envolvem o âmbito das instituições de ensino infantil.

Explicitado nosso objeto, passemos à análise dos dados coletados em estudo de campo.

Registros para avaliar: o contexto expresso pelas professoras

Os resultados apresentados são originários de uma pesquisa que buscou investigar a relação entre o contexto de produção dos registros de práticas e o quanto eles se configuram na elaboração da avaliação da aprendizagem na educação infantil para os professores da rede pública de ensino.

Para atender aos objetivos propostos no estudo, os instrumentos de geração de dados (entrevista e questionário) continham questões articuladas para conduzir as educadoras a refletirem e responderem sobre sua rotina pedagógica, sobretudo das práticas avaliativas realizadas. Assim, após levantar informações oriundas das narrativas das professoras, os dados foram organizados e analisados com base na técnica de Análise de conteúdo. Destaca-se ao leitor que a técnica tem como referência as orientações abordadas pela autora Laurence Bardin (2016).

Segundo Bardin (2016), a organização da análise dos dados perpassa três etapas cronológicas sendo elas: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A primeira etapa foi a fase de organização dos dados, fase de transcrição e de escuta atenta, não apenas quanto as narrativas das educadoras, mas as suas reações, seus gestos, o que foi dito e expressado. Na segunda etapa, a exploração do material, a mais longa do processo de análise, elaborou-se quadros com os dados provenientes da entrevista e questionário, facilitando a visualização das respostas e a organização de categorias. A partir de uma análise minuciosa, foi possível destacar alguns excertos mais significativos, que foram considerados na última etapa da análise. Na terceira etapa, tratamento dos resultados, os dados passam a ter um significado na sistematização e discussão das categorias que emergiram e tornaram-se pertinentes para responder aos objetivos previstos no estudo. A seguir, destacamos aspectos e impressões provenientes tanto das entrevistas quanto dos questionários.

As professoras apresentam posicionamentos distintos em relação à prática da avaliação, convergindo em alguns aspectos, mas, principalmente, na compreensão de que a avaliação é uma ação que ocorre durante o processo de ensino-aprendizagem e não apenas uma etapa final. Neste sentido, ao narrarem situações que relacionam seus discursos com as práticas, enfatizam que as informações geradas no processo avaliativo trazem como

possibilidade reflexões sobre as crianças e também sobre futuras ações no planejamento. No entanto, algumas docentes, apesar de verem o processo avaliativo como algo inerente, demonstram lidar com as informações geradas apenas para comunicar as famílias sobre a rotina pedagógica da criança. Neste ponto, foi possível desvelar que a avaliação na educação infantil ainda é assunto pouco debatido no âmbito da rede municipal de ensino e cheio de nuances.

Os dados relevam ainda que, ao conceituar a avaliação, as professoras a definem como elemento inerente a prática, porém, ao evidenciar o conceito na prática, não o formulam de forma clara e específica. Algumas definições oriundas do questionário revelaram que, para um grupo de docentes, a avaliação pode ser diagnóstica, para outras apresenta-se como método de verificar a aprendizagem das crianças, e ainda percebeu-se que há uma concepção de avaliação da aprendizagem como um produto final informativo para as famílias e que, por vezes, interpreta-se a avaliação como uma ação inadequada, complexa e cansativa para realizar na educação infantil.

De modo geral, é importante ressaltar que foi possível identificar dois grupos de professoras, sendo que o menor indica a possibilidade do ato de avaliar propiciar a reflexão sobre o seu 'fazer', enquanto o outro grupo de professoras, maior, descrevem a avaliação ou o acompanhamento das crianças como uma ação 'sobre' as crianças e não 'junto ou com' as crianças e suas famílias, como etapas isoladas de um processo e não como um todo, ou seja, do início ao fim do processo acompanhando, participando e observando os ritmos específicos de cada crianças e com a criança.

É um comportamento que indica que a compreensão de infância ou de criança que se apregoa na literatura e na formação de professores não se efetiva na reflexão/prática cotidiana sobre o fazer pedagógico, mas paira num contexto teórico, por vezes abstrato, que sinaliza a necessidade de ser melhor compreendido e conhecido entre os profissionais da área, por meio de estudos e formações sobre a avaliação na educação infantil, tal como definição de conceitos, utilização significativa e específica na prática, pois, infelizmente, ainda se percebe uma avaliação reconhecida como parte do componente pedagógico, mas com concepções baseadas no senso comum.

Estas ponderações fomentam reflexões como: será que faltam discussões na elaboração do projeto pedagógico das escolas sobre o processo de avaliação? Como tem

Registros avaliativos no cotidiano da educação infantil: estudos sobre o contexto de produção

acontecido as formações continuadas para a equipe pedagógica? Quem define a formação? Quais as características da política de formação continuada de professores do município na Educação Infantil? Que necessidade ou a que interesse se promove essa formação? No que isso colabora com a prática docente? Há uma carência nas formações continuadas que orientam os professores na prática do cotidiano? No chão da escola?

Os dados apontaram, também, para o fato de que a avaliação acontece por meio de diferentes registros sendo os mais citados: anotações em cadernos, relatórios, fotos, filmagens e observações. Parece necessário ressaltar que a qualidade dos registros, sua frequência e sistematização tornam-se aliados importantes na elaboração das avaliações descritivas. De acordo com as professoras, os registros tornam-se ferramentas que oferecem pistas em relação às práticas de ensino que devem ser ofertadas às crianças bem como podem auxiliar no acompanhamento do processo da aprendizagem. Assim, infere-se que, todo registro organizado embasa a elaboração da avaliação descritiva construída pela docente a partir de informações reunidas, no qual mostra-se o desenvolvimento, as interações, as diferentes linguagens das crianças, a fim de monitorar e dar suporte no processo de aprendizagem que a criança vivencia.

Quanto ao contexto de produção dos registros, notou-se a inserção do registro no conjunto das atividades desenvolvidas pelas docentes. Todavia, para que o registro se torne parte da proposta pedagógica faz-se necessário que esteja em constante construção da realidade, da ação, sendo revisto, modificado, ampliado e aperfeiçoado a todo momento. Assim, o ‘tempo’ é um fator que determina a elaboração desses registros, sobretudo os escritos e, por conta disso, é unânime o posicionamento de insatisfação das educadoras quanto ao ato de elaborar relatos das observações do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Identificou-se, neste aspecto, que há descompassos entre a teoria e prática, quais sejam a importância e necessidade dada aos registros e a ‘impossibilidade’ de realizá-lo adequadamente nos ‘tempos’ (in)disponíveis na sala de aula. Superar este obstáculo no contexto educacional exige que a equipe pedagógica trabalhe de forma coletiva e fomente tempos e espaços que permitam uma prática de registro significativa e consciente, identificando características do instrumento (registro) que favoreçam a rotina no âmbito da educação infantil.

Sugere-se, a seguir, algumas reflexões a fim de contribuir com o acompanhamento e a avaliação das crianças na educação infantil, podendo constituir uma prática pedagógica de qualidade e fundamentada. Neste sentido, propõe-se programas de formação continuada, voltados à avaliação da aprendizagem na educação infantil, enfatizando-a como parte do processo educativo de maneira formativa, pois é importante que as formações, ou auto-formações, forneçam maneiras de o indivíduo crescer no grupo e com o grupo, introduzindo mudanças específicas no cotidiano (BECCHI; BONDIOLI; FERRARI e GARIBOLDI, 2012).

Faz-se necessário, ainda, proporcionar, entre os profissionais da área, discussões acerca dos instrumentos avaliativos, privilegiando a construção de registros que produzam apreciação do material, reflexões sobre sua própria prática e que promovam, ainda, a comunicação com a família.

À luz do exposto, a partir dos elementos abordado neste estudo, considera-se que, registro e avaliação não constituem conceitos ligados somente à educação infantil. É possível inferir que se trata de postura pedagógica assumida pelo coletivo institucional, norteadas por concepções de criança, infância e educação. Evidentemente, sem desconsiderar as características dos diferentes contextos e as condições de trabalho dos profissionais.

Por fim, ressalta-se que este estudo não se conclui no findar desta escrita. Dada a complexidade e relevância da temática, constitui-se como ponto de partida para novos pesquisadores, com novos olhares sobre para a prática avaliativa e o registro dos acompanhamentos.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

BECCHI, E.; BONDIOLI, A.; FERRARI, M.; GARIBOLDI, A. Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada. Trad. Maria de Lourdes Tambaschia Menon. Revisão técnica: Elisandra Godoi e Suely Amaral Mello. Campinas- SP: Autores Associados, 2012. Coleção Formação de Professores. Série Educação Infantil em Movimento.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 jun. 2019.

Registros avaliativos no cotidiano da educação infantil: estudos sobre o contexto de produção

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 08 jun. 2019.

CAMPOS, Maria Cristina. A importância de avaliar o processo de ensino e aprendizagem. Colégio Vital Brasil, São Paulo, 04 dez. 2017. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/vital-brasil/a-importancia-de-avaliar-o-processo-de-ensino-e-aprendizagem/#:~:text=A%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20como%20instrumento%20a,durante%20o%20processo%20de%20ensino.&text=A%20constata%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20o%20princ%C3%ADpio,ao%20que%20est%C3%A1%20sendo%20avaliado>. Acesso em: 08 abr. 2021

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação infantil:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2015.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 26ª ed. Porto Alegre: Mediação; 2006.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover as setas do caminho.** 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LOPES, Amanda Cristina Teagno. **Registro de práticas:** formação, memória e autoria – análise de registros no âmbito da educação infantil. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem:** componentes do ato pedagógico. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

MACHADO, Maria Lúcia. **A pré-escola não é escola:** a busca de um caminho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** Ed. Atlas, 5. Ed., São Paulo, 2003. 310 p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. “Observação, registro, documentação: Nomear e significar as experiências”. In: OSTETTO, L.E. (org.). **Educação infantil:** Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil:** Saberes e Fazeres da Formação de Professores. Pedagogia ao Pé da Letra, 2013.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico], 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2013, p. 77.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos Metodológicos II. São Paulo, 1996.

ZABALZA, Miguel A. **Os diferentes âmbitos da avaliação**. Revista Pátio Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed Editora, n. 10, 2006.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Sobre as autoras

Cássia Ferri

Doutora em Educação – Currículo pela PUC-SP, é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau – FURB e dos cursos de licenciatura e Pedagogia da mesma Instituição. Coordena o Grupo de pesquisas em políticas públicas de currículo e avaliação e o do Observatório do Ensino Médio de Santa Catarina.

E-mail: cferri@furb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2774-9655>

Daniela Gonçalves Adriano

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI; Especialização em Educação Infantil pela Faculdade AUPEX; Especialização em Pesquisa e Prática Pedagógica pelo Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Gaspar e Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Participa do Grupo de pesquisas em políticas públicas de currículo e avaliação e, é professora da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino.

E-mail: dgadriano@furb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5760-9480>

Recebido em: 14/03/2021

Aceito para publicação em: 29/03/2021